

O Que Não Foi Dito: Caso Izzo Filho¹

Otávio César FRABETTI²
Angelo Sottovia ARANHA³

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Bauru, SP

RESUMO

O Que Não Foi Dito: Caso Izzo Filho é um videodocumentário televisivo que relembra os principais fatos da segunda gestão de Antonio Izzo Filho, prefeito da cidade de Bauru, interior de São Paulo, entre os anos de 1997 e 1999. A gestão, marcada por denúncias de corrupção e atentados a bombas contra vereadores da cidade, terminou com a cassação do prefeito e sua posterior prisão, culminando com um período de instabilidade política e temor da sociedade bauruense com o futuro da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Izzo Filho; Bauru; Cassação; Videodocumentário; Política.

1 INTRODUÇÃO

"Aqueles que não podem lembrar o passado estão condenados a repeti-lo". Essa frase muito significativa, atribuída ao filósofo e poeta espanhol George Santayana, resume o que acontece em alguns casos com a sociedade nos tempos atuais.

A memória das cidades, em especial de fatos marcantes, seja em âmbito social, econômico ou político, vem se perdendo ao longo dos anos. Casos importantes para os municípios, que marcaram época e, em sua maioria, influenciam na vida atual dos cidadãos estão caindo no esquecimento, e uma grande parcela da população já não se lembra de acontecimentos que datam de dez, doze, quinze anos.

O que não foi dito é um videodocumentário idealizado para TV aberta, seja ela comercial ou pública, que pretende recontar histórias importantes de cidades do Centro-Oeste Paulista. O tema escolhido para ser recontado é um acontecimento importante da história da cidade de Bauru, município integrante da região Centro-Oeste Paulista. Trata-se da cassação do mandato do ex-prefeito Antonio Izzo Filho, então em sua segunda gestão. Bauru foi

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção laboratorial em videojornalismo e telejornalismo.

² Aluno líder do grupo e recém-graduado em Comunicação Social: Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, email: otavio.frabetti@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social: Jornalismo da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, email: sottovia@faac.unesp.br.

escolhida por ser a cidade mais populosa do Centro-Oeste Paulista⁴ e uma das mais importantes da região. Já a gestão Izzo Filho foi um fato que marcou politicamente e socialmente a cidade, por ser o primeiro caso de cassação do líder do Poder Executivo no município. Tal ocorrência tem consequências até os tempos atuais na economia e na vida do cidadão bauruense.

O produto experimental foi apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Comunicação Social: Jornalismo, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), e tem sua estrutura baseada em entrevistas com personagens relacionados ao fato recontado. Com seis versões distintas, o documentário se distingue dos demais pela ausência da narração em OFF⁵, colocando os entrevistados como protagonistas, sendo os responsáveis por dar vida à narrativa, através do encadeamento de trechos de seus depoimentos.

Apesar de ser produzido apenas o documentário referente ao escândalo político em Bauru, destinado ao cumprimento da conclusão do curso universitário, a ideia inicial do projeto era que o videodocumentário pudesse se tornar uma série, explorando outros acontecimentos importantes de cidades do interior paulista.

2 OBJETIVO

O principal objetivo do documentário produzido é rememorar e recontar à sociedade bauruense fatos importantes, que influenciaram e influenciam até hoje a vida das pessoas, acontecidos entre 1997 e 1999, época da segunda gestão do prefeito Antonio Izzo Filho como chefe do executivo.

Fazer a população conhecer sua história, entender o contexto em que vive e aguçar sua curiosidade, instigando-a a procurar mais informações sobre o assunto são contribuições esperadas para o telespectador. A emissora de televisão que veicular o produto também terá benefícios, pois estará transmitindo produtos com temáticas locais, aumentando a identidade entre meio de comunicação e sua audiência e incentivando a produção de programas jornalísticos dos mesmos moldes.

3 JUSTIFICATIVA

⁴ A população estimada de Bauru em 2013 é de 362.062 habitantes, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

⁵ Voz que conduz o documentário sem, no entanto, aparecer no vídeo. Narrador externo.

A escolha da segunda gestão do governo de Antonio Izzo Filho tem três motivos principais: importância do acontecimento, ausência de conteúdos explicativos disponíveis e influência midiática.

A trajetória política de Izzo foi marcada por uma rápida ascensão. Nascido em Piraju⁶, Antonio Izzo Filho era professor de ensino médio em escolas de Bauru. Iniciou sua carreira política como secretário de obras e logo teve sua oportunidade de ser candidato a prefeito. Eleito em 1989, o então prefeito realizou várias obras na cidade e ganhou a simpatia de camadas mais humildes da população, principalmente por ser conhecido como um governante populista. Reeleito em 1996, com quase metade dos votos válidos, Izzo é recolocado no poder com a esperança de atender aos anseios da sociedade bauruense. No entanto, denúncias de corrupção em seu governo desgastam sua imagem e um processo de cassação é iniciado, culminando com o inédito afastamento do prefeito de seu cargo. Posteriormente, ele chega a ser preso, cumprindo pena relacionada a processos judiciais de sua primeira gestão.

Todo esse panorama foi descrito para mostrar a importância que a segunda gestão tem para a história do município, em uma época em que raramente se registrava a cassação e, muito menos, a prisão de políticos no país. Bauru ficou imersa em uma maré de denúncias e irregularidades que praticamente paralisou a cidade. Segmentos da imprensa e da justiça começaram a investigar e a tomar providências sobre os acontecimentos que vinham à tona. Uma onda de atentados a bombas e tiros contra vereadores alimentou ainda mais as incertezas sobre o futuro político de Bauru.

No entanto, o acesso e a divulgação de conteúdos que expliquem o que ocorreu na época é o segundo motivo principal pelo qual o assunto foi abordado. Uma pessoa que não era nascida na época ou mesmo que não morava na região de Bauru terá inúmeras dificuldades para entender o que ocorria naquele período. Os poucos registros on-line sobre o caso são pontuais e mostram acontecimentos específicos, como as idas e vindas de Izzo da cadeia. Com essas informações em mãos, o interessado não conseguirá criar uma linha de raciocínio satisfatória e terá uma visão fragmentada, incompleta da realidade. Saindo do ambiente virtual, a memória dos acontecimentos está presente em centros de documentação e na cabeça das pessoas que viveram, barrando o fluxo de informações a grande parcela da população. Com a criação do documentário e sua veiculação na televisão, maior número de

⁶ Piraju está localizada a 145 km de Bauru. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2013, Piraju possuía uma população estimada em 29.532 habitantes

peças podem ter acesso a parte da história da cidade onde vivem, e a memória é preservada, eternizada.

A influência midiática também teve peso na escolha temática. As denúncias de irregularidades no governo Izzo provocaram também um clamor popular para que uma providência fosse tomada. Os meios de comunicação locais, principalmente os jornais impressos, se destacaram na formação desse clamor, com extensas e diárias coberturas sobre a gestão e os escândalos surgidos.

Thompson (2002, p.59) assinala que os escândalos não são acontecimentos recentes, pois há séculos existem fatos localizados derivados da interação entre pessoas conhecidas, como brigas e outros desentendimentos, que são conhecidos como escândalos. Hoje, o conceito pode ser entendido como ações tomadas por alguém que transgrida normas, leis e valores e que essa transgressão se torne conhecida por outras pessoas, podendo gerar manifestação popular.

No entanto, novos tipos de escândalos surgem a partir do que o autor chama de “formas midiáticas de comunicação”, nas quais

escândalos midiáticos não são simplesmente escândalos noticiados pela mídia e que existem independentemente dela: eles são, de diferentes maneiras e até certo ponto, constituídos por formas midiáticas de comunicação. (...) Há, certamente, uma estreita afinidade entre escândalo e mídia (...): o escândalo vende. (...) Com a profissionalização da atividade jornalística no século XIX e o desenvolvimento de uma tradição de jornalismo investigativo, a publicação de escândalos e comentários sobre eles tornou-se uma atividade que corresponde exatamente à imagem que algumas pessoas que trabalham na mídia têm de si mesmas. (THOMPSON, 2002, p.59-60)

E já que o jornalismo investigativo foi citado, podemos afirmar que o produto descrito tem algumas características que o aproximam desse gênero especializado do jornalismo. Segundo Sequeira (2005, p.61), esse tipo de jornalismo tornou-se conhecido pela sociedade ao expor injustiças, mostrar situações da gestão pública que os governantes querem esconder da população e reconstruir acontecimentos importantes, este último indo ao encontro da ideia do projeto, que é tentar recontar acontecimentos importantes, permitindo aos espectadores a oportunidade de lembrar o caso e de tirar suas próprias conclusões sobre a história retratada.

Mas, e por que escolher um documentário? Antes de explicar o motivo, vamos analisar a definição de documentário. Bernard (2008, p.2) relata, sinteticamente, que os

documentários têm como objetivo conduzir os espectadores por novos mundos e experiências apresentando informações factuais sobre pessoas, lugares e fatos, retratados por uso de imagens reais. Citando uma frase de Erik Barnouw, Bernard pontua que “diferentemente do artista ficcional, ele (produtor do documentário) se dedica a não inventar. É selecionando e organizando seus achados que ele se expressa”. (BARNOUW apud BERNARD, 2008, p.2)

Essa organização, de acordo ainda com a autora, se dá por meio da história, que pode ter início por meio de uma ideia, por um questionamento ou ainda por uma hipótese.

Em relação ao tipo de documentários existentes, podemos citar a classificação feita por Bill Nichols, que entende haver seis modos de representação do documentário: Poético, Expositivo, Participativo, Observativo, Reflexivo e Performático.

O projeto aqui apresentado é, basicamente, uma mescla do documentário Expositivo com o Participativo, embora, não siga completamente as características de nenhum dos dois modelos.

No modo Expositivo há a existência de fragmentos do mundo histórico e a preocupação se concentra em aspectos informativos, argumentativos e não em elementos estéticos ou poéticos. O modo Expositivo se dirige diretamente ao espectador, expondo um argumento ou recontando uma história. Nichols ressalta ainda que esse modo também compreende a *Voz de Deus*, ou seja, a presença do narrador que é ouvido, mas não visto. O projeto audiovisual não conta com narrador externo, sendo que os próprios entrevistados são os responsáveis por conduzir a narrativa, propiciando um caráter mais neutro ao produto. As imagens de apoio e as imagens de arquivo do videodocumentário dão vida, movimento e funcionam como complemento a sua narrativa, embora o foco esteja no depoimento dos personagens:

Os documentários expositivos dependem muito de uma lógica informativa transmitida verbalmente. Numa inversão da ênfase tradicional do cinema, as imagens desempenham papel secundário. Elas ilustram, esclarecem, evocam ou contrapõem o que é dito (NICHOLS, 2005, p.142)

A principal característica compartilhada com o modo Participativo é em relação à adoção de entrevistas. Para o autor, a entrevista é o mecanismo usado por produtores de documentários como forma de juntar relatos diferentes numa única história. Além disso, há o uso de imagens de arquivo para recuperar a história narrada. No restante, existem muitas diferenças entre o produto realizado e o modo Participativo, já que ele prevê a participação

ativa do cineasta no decorrer da narrativa, o que é totalmente afastado no produto apresentado.

O primeiro fator que pesou para a escolha do documentário para televisão foi a importância, abrangência e o prestígio que esse meio de comunicação tem nos lares brasileiros⁷. Além disso, há outros dois motivos principais: a visualização de linguagens não faladas e a confiança do público.

Sobre a visualização do que não foi dito, é importante recorrermos ao que diz o jornalista Franklin Martins, em seu livro *Jornalismo Político*:

Um repórter, ao entrevistar um político, um banqueiro, não deve se limitar a recolher suas declarações. Tão importante ou mais importante do que o que disse o entrevistado é como ele disse, se se exprimiu com arrogância, sinceridade, raiva, insegurança ou malícia. (...) As linguagens não faladas podem dizer mais sobre uma determinada situação do que mil declarações ou uma enxurrada de dados. (MARTINS, 2011, p. 108-109)

Trazendo para o contexto do videodocumentário produzido, enfatiza-se que a opção por um produto audiovisual permite que os espectadores tenham a chance de observar essas expressões não faladas dos entrevistados, o que os ajuda a formar suas opiniões sobre cada um deles e a diagnosticarem períodos de hesitação, de dúvida, de emoção ou até de apreensão, quando um entrevistado desvia o olhar por muito tempo.

O segundo fator responsável pela escolha foi a confiança do público. Bernard (2008) entende que o público confia nos documentários, e um dos motivos é que ele é composto por fatos verdadeiros, e não por ficção. No entanto, essa confiança pode ser quebrada por algumas questões, como a manipulação da forma com que os fatos aconteceram, a tentativa de dar um tom dramático à história ou ainda o enviesamento dos depoimentos de forma a sustentar uma visão, o que pode comprometer o bom andamento do trabalho.

O conteúdo audiovisual também poderia ser empregado em projetos pedagógicos de escolas municipais e particulares de Bauru, auxiliando no aprendizado da realidade local.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

⁷ Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), feita em 2012, a televisão está presente em 97,2% dos lares brasileiros.

O contato com os personagens entrevistados se deu por telefone ou por e-mail. Em todos os casos, uma pré-entrevista presencial foi marcada para explicação do projeto, melhor esclarecimento sobre a temática e uma prévia conversa para estabelecer uma relação de vínculo e confiança entre entrevistado e entrevistador. Todas as entrevistas foram gravadas no estúdio da Polvo Produtora⁸, com cenário montado exclusivamente para o projeto, colocando o entrevistado em primeiro plano. A única exceção aconteceu na entrevista com o jornalista Néelson Gonçalves. Por impossibilidade de comparecimento ao estúdio, sua entrevista foi gravada no Plenário da Câmara Municipal.

As entrevistas foram gravadas em dois dias consecutivos de forma independente, isto é, nenhum entrevistado viu ou ouviu outros depoimentos. As conversas foram conduzidas por um roteiro de perguntas básicas, fruto de pesquisas prévias sobre o assunto em arquivos da época e nas pré-entrevistas.

Em relação às temáticas escolhidas para discussão nas entrevistas, deu-se preferência aos temas com mais relevância histórica, já que seria praticamente impossível discutir aspectos de quase dois anos de governo no tempo proposto do produto. Os assuntos abordados foram: o caso de desapropriação de terras do pecuarista José Amir Neme Mobaid (que culminou com a cassação), os confrontos de Izzo com a justiça, a prisão do ex-prefeito e os atentados contra vereadores.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O produto audiovisual foi idealizado para ser um programa veiculado em emissoras de televisão com duração máxima de 28' (vinte e oito minutos) com dois intervalos comerciais de 1' (um minuto), totalizando 30' (trinta minutos). A duração total se refere ao tempo padrão que comumente é utilizado por muitas emissoras de televisão comerciais ou educativas em suas grades de programação, que costuma variar entre 25' (vinte e cinco minutos) e 30' (trinta minutos). O Caso Izzo Filho teve seu tempo final fixado em 24'16'' (vinte e quatro minutos e dezesseis segundos), pois, com o tempo de comerciais o produto final ocuparia um espaço de 26'16'' (vinte e seis minutos e dezesseis segundos) na grade de programação das emissoras, encaixando-se facilmente.

⁸ Produtora parceira contratada para montagem de cenários, captação de áudio e vídeo, direção de fotografia e edição do videodocumentário. A escolha de uma produtora se deu pela burocracia e dificuldade de se utilizar a estrutura e os equipamentos da universidade, além de priorizar a qualidade do produto, já que a intenção era encaixá-lo na grade de programação de uma emissora de televisão e, para isso, alguns cuidados precisaram ser tomados, garantindo a qualidade de imagem e som, por exemplo.

O documentário é composto por depoimentos de seis pessoas: Ailton Gimenez, Antonio Izzo Filho, Márcio ABC, Maria José Majô Jandreice, Néelson Gonçalves e Pedro Valentim. Ailton é advogado do ex-prefeito Izzo Filho. Márcio ABC é jornalista e ex-editor do extinto jornal Diário de Bauru, responsável por cobrir os acontecimentos da época. Maria Jandreice é ex-vereadora de Bauru e na época dos acontecimentos retratados fazia parte do bloco oposicionista ao prefeito. Néelson Gonçalves é jornalista e foi repórter de política do Jornal da Cidade, outro veículo impresso de Bauru que fazia a cobertura sistemática dos escândalos surgidos na gestão de Izzo Filho. Pedro Valentim era Diretor do Departamento Social das Secretarias de Administração Regionais na segunda gestão do ex-prefeito Izzo Filho e um de seus maiores apoiadores no surgimento das denúncias.

Os depoimentos dos entrevistados são mesclados uns aos outros em todo o videodocumentário, de forma a criar uma narrativa independente, coesa e ágil, na qual os assuntos abordados são recontados pelas várias versões e opiniões disponíveis. Como já foi citado acima, não há presença de narradores externos conduzindo a narrativa. Esse papel é atribuído aos personagens ouvidos.

Para auxiliar no resgate e no entendimento dos acontecimentos citados, usou-se imagens de capas e matérias jornalísticas do Jornal da Cidade e do Diário de Bauru com os principais fatos e denúncias da segunda gestão. Imagens de arquivo da TV Câmara também compõem o produto. Os arquivos de jornal foram cedidos pelo ex-promotor Carlos Roberto Simioni, que atuava no Ministério Público no período.

Como forma de dar vida ao videodocumentário além de auxiliar, visualmente, a memória e o entendimento do espectador, optou-se por captar imagens de apoio para serem usadas quando algum assunto era abordado pelos entrevistados. Os locais escolhidos para a captação de imagens foram as sedes do Poder Executivo e Legislativo da Cidade, lugares onde decisões importantes aconteceram, como a posse e a cassação do prefeito, bem como imagens gerais da cidade e problemas de infra-estrutura que perduram até hoje, como esgoto desembocando no rio Bauru e ruas sem asfalto, ocasionadas pelo estado de letargia e estagnação que a política bauruense sofreu após a turbulenta onda de denúncias que assolou a cidade.

6 CONSIDERAÇÕES

A experiência de trabalhar com o gênero documentário no jornalismo foi única e se mostrou muito enriquecedora, já que não é um gênero tão abordado durante o curso de Jornalismo

da Unesp. A sensação de comandar um projeto do início ao fim também é muito gratificante, já que, em muitos momentos, o orientador não pode estar sempre ao seu lado, forçando-nos a caminhar com nossas próprias pernas e tomar decisões sem auxílio.

Desenvolver este projeto também mostra a existência um campo de trabalho (resgate da história recente dos municípios) muito grande e isso deve ser explorado pelos meios de comunicação locais e por pessoas interessadas na preservação da memória coletiva das cidades. A sensação que fica é que, com um mínimo de apoio e suporte financeiro, a criação de uma série de documentários nos mesmos moldes se torna totalmente viável.

Um legado é deixado para outros estudantes de jornalismo, professores, historiadores e profissionais da comunicação com a produção de resgate histórico. A história não pode, de maneira nenhuma, perder-se no tempo e nas páginas amarelas de alguns processos, diários ou arquivos fechados, nem na memória de personagens que a ação do tempo vai levando embora.

Apesar de ter êxito, muitos contratempos surgiram no decorrer da produção. Os maiores obstáculos enfrentados foram a dificuldade de acesso a materiais de arquivo, ao tempo disponível e ao receio das pessoas em falar sobre assuntos polêmicos.

Por problemas comerciais, de direitos autorais ou mesmo de preservação, muitos documentos e arquivos foram negados ou era preciso procurar alternativas, como tirar fotografias.

O tempo disponível também merece atenção. Não é possível aprofundar-se muito em um caso ou outro, pois, cada fato geraria um episódio, um novo programa. Assim, foi preciso recortar e focar o essencial de toda a história. Uma dúvida durante o percurso de produção foi em relação ao número de entrevistados. Muitas testemunhas primordiais da época não fizeram parte do produto. Um dos motivos é o receio de exposição e o medo de falar sobre um assunto polêmico. Treze personagens foram contatados, mas somente seis aceitaram participar. Outra questão inerente a um produto audiovisual jornalístico é o processo de edição. O documentário é feito de escolhas e só é possível uma versão, uma miniatura da realidade. Como não é possível esgotar um assunto, é preciso escolher alguns personagens, deixando, inevitavelmente, outros de fora. Mesmo assim, o objetivo de rememorar a história moderna de Bauru e aguçar a curiosidade e fortalecer o senso crítico da população foi alcançado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARD, Sheila Curran. **Documentário: técnicas para uma produção de alto impacto.** Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2008.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: PNAD.** Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2012.

MARTINS, Franklin. **Jornalismo Político:** São Paulo, SP: Contexto, 2011.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** Campinas, SP: Papyrus, 2005.

SEQUEIRA, Cleofe M. de. **Jornalismo Investigativo: o fato por trás da notícia.** São Paulo, SP: Summus, 2005.

THOMPSON, John B. **O escândalo político: poder e visibilidade na era da mídia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.